

Ministério Compartilhado para a comunidade testemunhar a sua fé

Huberto Kirchheim

Resumo

A palestra proferida pelo Pastor Presidente da IECLB enfoca as relações entre Ministério e Missão. Parte de uma retrospectiva histórica e da descrição de características da IECLB no presente. Aponta a seguir para alguns “entraves”

que dificultam o engajamento missionário. Num terceiro momento apresenta as características do Ministério Compartilhado enquanto instrumento da *missio Dei* para viabilizar uma igreja participativa e servidora.

Resumen

La ponencia realizada por el Pastor Presidente de la IECLB enfoca las relaciones entre el Ministerio y Misión. Parte de una retrospectiva histórica y de la descripción de características de la IECLB en el presente. Apunta a seguir

para algunos “obstáculos” que dificultan el compromiso misionero. En un tercer momento presenta las características del “Ministerio Compartido” en cuanto instrumento de la *missio Dei* para viabilizar una iglesia participativa y servidora.

Abstract

The lecture proffered by the Pastor President of the IECLB focuses on the relationships between Ministry and Mission. It begins with a historical retrospective and a description of the characteristics of the IECLB at the present moment. Following this he

points out some “barriers” that make missionary involvement difficult. In the third part he presents the characteristics of Shared Ministry as an instrument of the *missio Dei* to facilitate a participative and serving church.

1 – Preliminares

Sensibilizado, agradeço à Reitoria da EST por me ter convidado para palestrar com vocês, no início deste semestre letivo. Entendo que o gesto de a EST integrar em seu labor teológico o pastor presidente da IECLB quer expressar o fato de que a formação parte da comunidade e para ela deve estar voltada. Se não for assim, a formação poderá ser interessante, mas carecerá do seu contexto motivador e mesmo legitimador.

O tema desta Semana Teológica, *Estratégias Missionárias da IECLB além das Fronteiras Teuto-Brasileiras*, sinaliza aspectos centrais do nosso ser Igreja e aponta para desafios missionários. Nesse sentido a Reitoria da EST me solicitou enfocar a questão de *Ministério x Missão*. Na última palestra inaugural, proferida pelo secretário-geral da IECLB, P. Dr. Kliewer, fomos informados sobre o fato de que a IECLB, nos últimos 30 anos, não cresceu numericamente, embora o número de obreiros te-

nhá triplicado. Esse fato, por si só, nos deve fazer perguntar, séria e autocríticamente, pelo nosso modelo de ministério e pela nossa presença e ação missionárias.

Por isso formulo a seguinte *tese*:

O Ministério Compartilhado servirá para o crescimento qualitativo e quantitativo do nosso ser IECLB à medida que for assimilado e assumido por todos os estabelecimentos de formação, por instituições e setores de trabalho e por todas as obreiras e obreiros da Igreja. Nosso empenho teológico e eclesialístico terá sentido somente à medida que ajudar a comunidade a ser mais acolhedora, mais participativa, mais contagiante, enfim mais missionária. Importa, portanto, ajudar a comunidade a testemunhar a sua fé, por meio de palavras e gestos concretos. Esse é o primeiro e último critério pelo qual serão medidas a razão e a eficiência do fazer teológico e das pastorais e estratégias.

2 – Alguns *flashes* que caracterizam a nossa caminhada até aqui

2.1 – Éramos uma Igreja predominantemente rural. A maioria das nossas comunidades se identificava, sobretudo, pela etnia alemã e pelo ser protestante, mas não tanto pela confessionalidade luterana. Há alguns poucos decênios, estamos sendo transformados numa Igreja predominantemente urbana e metropolitana, visto que o galopante processo de urbanização no Brasil não passa ao

largo da IECLB. Principalmente os jovens migraram para os centros urbanos, onde forçosamente tinham que aculturar-se. Não mais podiam identificar-se pela etnia nem pelo ser protestante. O ser evangélico que lhes sobrou como meio de identificação fê-los sucumbir numa grande massa evangélica indefinida. Visto que na colônia não soubemos criar comunidades de identidade luterana mais

clara, considerando que não motivamos e ensinamos suficientemente o falar sobre a fé no idioma nacional, e visto que inicialmente transferimos da colônia para a cidade o modelo paroquial de Igreja, ou seja, o modelo do “vinde ao templo para escutar o pastor”, muitos membros da IECLB se extraviaram.

2.2 – Com relação à origem étnica, ainda estamos vacilando entre orgulho duvidoso, por ser excludente, e negação duvidosa, por redundar em introversão e prejudicar a identidade. Certamente precisamos aprender a aceitar a nossa origem de igreja de imigrantes alemães. O idioma alemão era necessário para a sobrevivência dos imigrantes num mundo estranho ou, até certo ponto, mesmo hostil. A insistência no idioma, porém, dificultou o processo de mais rápida integração e aculturação no contexto. Nas áreas de novelas, futebol e negócios nossos membros aprenderam a comunicar-se em português, mas muito pouco ensaiaram o sentir e o experimentar as coisas da fé e comunicar-se sobre ela no contexto brasileiro. Conseqüentemente, nossas comunidades tinham pouca presença e ação missionárias. Uma comunidade que hoje ainda insiste na predominância do idioma alemão torna-se excludente no contexto brasileiro e se transforma em gueto. Onde ainda predomina o idioma alemão, em alguma comunidade, deve ser iniciado, com urgência e amor perseverante, o processo de introduzir o idioma nacional, se é que ela quer ser comunidade cristã. Pois ela é cristã somente enquanto missionária em seu contexto.

2.3 – Apesar de toda a onda de informática e globalização que inunda o mundo inteiro, o desnível social está aumentando e criando dependências mais

sutis e mais cruéis. O mundo da informática realmente é fascinante, por superar distâncias geográficas e fazer fluir a comunicação, rompendo monopólios do saber e socializando a informação. Contudo, não se pode ignorar que essa participação requer constante atualização profissional e tecnológica. E isso custa cada vez mais, de forma que aí reside um sério fator excludente. Ao mesmo tempo requer um esforço intelectual cada vez mais exigente, de maneira que só pode competir quem tem acesso à tecnologia e, sobretudo, dispõe de mobilidade e capacidade intelectual para acompanhar o ritmo crescente de evolução. Nessa competição, sem dó e piedade, “sobrarão”, em número crescente, os pequenos e fracos. Aumentará o número de pessoas desempregadas e sem perspectiva de aposentadoria digna. Esses são sérios desafios missionários para as comunidades da IECLB!

2.4 – O desespero do povo se manifesta de muitas formas: superativismo, competição sem escrúpulos, resignação e tédio, solidão em meio à multidão... Em todos os níveis da sociedade e da Igreja há uma profunda ânsia por sentido de vida. Consultórios de psicanalistas e psicoterapeutas estão lotados. A busca desesperada está sendo explorada e mercantilizada pelo mercado de consumo e lazer, inclusive por um vasto e poderoso mercado religioso. É grotesco que literalmente se vendam prosperidade e sucesso, dentro do sistema preconizado. As igrejas tradicionais parecem estar perdendo influência, poder e membros. Essa realidade certamente angustia e desanima a quem ama a sua Igreja e por ela labuta com corpo e alma.

2.5 – Em minhas visitas às comunidades e sínodos vejo obreiras e obreiros

ros e líderes leigos preocupados com essa realidade desesperadora. Diante dela procuram reagir de diferentes maneiras. Muitos investem na formação de lideranças leigas, mas nem sempre as comunidades aceitam o serviço de leigos. Outros apelam para recursos do movimento pentecostal ou carismático, a fim de forçar ou garantir algum sucesso.

2.6 – Lembro que na IECLB já houve muitas tentativas de fazer crescer a nossa presença e ação missionárias, tais como: Mordomia; Catecumenato Permanente; Movimento Encontrão; Repartir Juntos; Pastoral Popular Luterana e inúmeras outras maneiras de promover a formação de lideranças leigas. Sei que cada uma dessas tentativas merece um estudo avaliativo à parte, o que neste momento não é possível. Mas ousou perguntar por algumas características que talvez sejam comuns a todas essas iniciativas. Com certeza intencionaram aumentar a presença e ação missionárias das comunidades da IECLB. Queriam ligar fé e vida concreta, quer em nível comunitário, quer mais em nível social. Tentaram relacionar fé e dinheiro. Investiram na formação de lideranças leigas. Tudo isso e outros aspectos mais, sem dúvida, são características importantes para o aumento da expressão missionária de comunidades. Contudo, até agora é um tanto difícil dizer se tais iniciativas desencadearam um processo mais expressivo de crescimento numérico. Isso, no entanto, deveria ser o caso onde a qualidade da vida comunitária aumenta!

2.7 – Será que houve **entraves** que impediram maior crescimento?

2.7.1 – A demora da aculturação de comunidades no contexto brasileiro, já mencionada, certamente é um elemento que dificultou a missão.

2.7.2 – É conhecido o fato do empobrecimento da classe média do povo brasileiro. Já que somos predominantemente Igreja de classe média, também as nossas comunidades sofrem empobrecimento, o qual ainda está sendo agravado pela diminuição de recursos financeiros do exterior. Para um número crescente de comunidades estará se tornando cada vez mais difícil a manutenção da estrutura paroquial com obreiros de tempo integral.

2.7.3 – Vejo na IECLB também uma certa dificuldade em distinguir entre duas estratégias distintas e complementares ao mesmo tempo; ou seja, entre centralização e unificação convenientes, por um lado, e descentralização e contextualização necessárias, por outro. Isso se mostra no fato de cada grupo ou movimento criar o seu próprio cancionário, enquanto o hinário da IECLB fica relegado a um segundo plano. O mesmo problema sinto no fato de se criarem devocionários alternativos, identificados com determinada linha teológica do movimento. Algo parecido acontece em relação a jornais e materiais didáticos para Culto Infantil e Ensino Confirmatório. Parece necessário perguntar: tudo isso é somente sinal de criatividade e contextualização legítimas? Ou será que nos falta o bom senso para unir forças e potencialidades que Deus nos confiou, em vez de esfacelar os nossos recursos? Não urgiria promover, sobretudo, a IECLB, em vez de propagar o próprio movimento ou grupo? Entendo que a presença de grupos e movimentos se justifica à medida que esses se reconhecem e atuam como instrumentos importantes da missão da Igreja e por ela são valorizados como tais.

2.7.4 – Houve boas iniciativas em termos de formação de lideranças. Mas

muitas vezes faltaram estratégia e planejamento, a médio e longo prazo, com vistas à valorização por parte da comunidade e ao espaço para atuar nela.

2.7.5 – Recordo-me que nos anos 80, na EST, propagava-se um *pastorado alternativo*, às vezes mesmo em detrimento do assim chamado *pastorado tradicional*. Surgiram trabalhos missionários em postos avançados pelo Brasil afora, nas novas áreas de colonização, no Norte e Nordeste brasileiros, por exemplo. Somas vultosas, doadas por entidades estrangeiras, foram investidas em projetos alternativos. Infelizmente, porém, nem sempre redundaram na criação de comunidades financeiramente auto-suficientes. É sabido, no entanto, que hoje as doações do exterior estão diminuindo e que os sínodos nem sempre têm condições financeiras de sustentar os projetos localizados em sua área. Esses condicionamentos ameaçam seriamente a sobrevivência de tais postos avançados. Diante disso é necessário perguntar: será que foi prudente e responsável criar tantos projetos, sem a visão e a vontade decidida de criar comunidade?

2.7.6 – Devo lembrar o problema da identidade confessional. Ele existe na IECLB, embora todos os movimentos se julguem defensores da confessionalidade luterana. Pois, embora quase todos falem em *Lei e Evangelho*, grande parte das pregações se torna legalista, ou seja, é por demais denunciadora e apelativa, mas pouco cativa e liberta pela força argumentadora do Evangelho. Ou, em con-

trapartida, prega-se um Evangelho sem Lei e sem imperativos claros, de forma que a pregação se torna acomodadora, o que Bonhoeffer chamava de “*graça barata*”.

Outro problema da nossa identidade confessional vejo no fato de todos falarem em *justificação por graça e fé*, enquanto na prática parece imperar a justificação por obras. Isso se evidencia na necessidade de apresentar agenda lotada e números para ser reconhecido como boa obreira e bom obreiro. Em contrapartida, também há obreiro/a acomodado/a, o que, graças a Deus, não é muito freqüente.

Um terceiro ponto, que atesta a nossa dificuldade com a identidade confessional, percebo na questão do *sacerdócio geral de todos os crentes*. Embora tão falado, o pastorcentrismo se enraizou na cabeça de obreiros (não só de pastores e pastoras, mas também na cabeça dos outros ministérios, como o catequético, o diaconal e o missionário). Inclusive na cabeça da comunidade a mentalidade do “pastor-faz-tudo” se alojou como algo muito cômodo. Parece-me que temos dificuldades em definir o *sacerdócio geral de todos os crentes* em sua relação com o único ministério da reconciliação, com os demais ministérios específicos e os ministérios leigos. Justamente nesse sentido o documento *Ministério Compartilhado* quer ajudar a clarear e motivar-nos a dar passos decisivos para a frente.

3 – Características do *Ministério Compartilhado*

Imagino que o documento *Ministério Compartilhado*, aprovado pelo Concílio Geral da IECLB em 1994, seja do conhecimento de quase todas e todos da EST. Por isso me limito a relembrar os aspectos principais do mesmo.

3.1 – Deus confiou à Comunidade/Igreja o ministério da reconciliação. Ele não é confiado a alguns poucos especialistas, mas sim à Comunidade/Igreja como um todo. É isso que Lutero denominou, a partir de 1 Pe 2.9, de *sacerdócio geral de todos os crentes*. Desde o nosso Batismo somos ordenados *sacerdotes e sacerdotisas*. Temos a incumbência de sermos um *pequeno cristo* para os outros, lá na família, na escola, no lugar de trabalho, na sociedade e na política. É isso que significa reconhecer e vivenciar o Batismo, abraçar e vivenciar o amor de Deus.

3.2 – Para que a comunidade melhor pudesse reconhecer e abraçar o amor de Deus e servir-lhe, “(...) ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres” (Ef 4.11). Quantos ministérios específicos já havia na Ásia Menor, no tempo apostólico! E a função desses ministérios específicos não era outra do que ser instrumentalizadora e multiplicadora; ou seja, ajudar a comunidade a reconhecer e abraçar a sua missão. Pois Deus os concedeu *“com vistas ao aperfeiçoamento dos santos* (daquelas pessoas que pelo Batismo pertencem a Cristo) *para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”* (Ef 4.12). Ministérios específicos, portanto, não devem fazer o serviço que cabe à

comunidade, mas devem motivar, equipar e acompanhar a mesma no reconhecimento e exercício da sua missão. Essa é a função instrumentalizadora e multiplicadora dos ministérios. O número e tipo de ministérios específicos dependem da necessidade e da possibilidade de cada Igreja.

3.3 – Embora Lutero tenha defendido como ministério específico somente o pastoral, devemos reler a nossa tradição luterana, iluminados p. ex. por Ef 4, a partir das nossas necessidades e viabilidades. Na IECLB temos, agora reconhecidos oficialmente, quatro ministérios específicos: o missionário, o catequético, o diaconal e o pastoral. Todos eles têm a mesma dignidade e responsabilidade teológica e eclesiológica. Falamos, portanto, em *Ministério Compartilhado*. Deus vocaciona e ordena para cada qual, através da Igreja. Todos eles, repito, têm a sua função instrumentalizadora e multiplicadora, a fim de que a comunidade melhor possa reconhecer e abraçar a sua missão.

3.4 – O conceito de *Ministério Compartilhado* não se limita a ministérios específicos com vínculo empregatício em tempo integral, nem quer ser usado apenas com o intuito de um ministério se igualar a outro em termos de direito. O *Ministério Compartilhado* inclui também ministérios com vínculo empregatício em tempo parcial ou mesmo ministérios voluntários sem vínculo empregatício. Quer dizer, alguém pode ser, p. ex., professor e catequista e ter vínculos parciais de emprego para ambas as funções ou mesmo somente para a de professor. Mais importante ainda é lembrar que o

Ministério Compartilhado não se limita aos quatro ministérios específicos, mas engloba o serviço de “colaboradores/as leigos/as”, com os quais compartilha o respectivo ministério específico.

3.5 – Justamente aí residem dois perigos, ou seja: que esses colaboradores sejam usados apenas como “quebragão” de obreiras e obreiros, ou que eles se tornem “mini-obreiros/as”, o que seria uma lamentável clericalização do laicato. Para evitar tais perigos, é preciso **valorizar devidamente os/as colaboradores/as leigos/as**. Pois quando eles têm, por exemplo, o dom natural da visitação, carecem de formação teórico-prática a fim de que esse dom seja aperfeiçoado. Por isso mesmo também precisam ser legitimados, diante da comunidade, como visitantes autorizados. Necessitam, portanto, do devido credenciamento, do chamado público. Essa legitimação acontece através do credenciamento, ou seja, do chamado público. Em analogia a obreiras e obreiros também esses/as colaboradores/as leigos/as precisam dessa vocação externa para o seu serviço em nível local. Esse credenciamento deverá obedecer a critérios da IECLB e terá que ser por ela oficialmente reconhecido. O ato litúrgico de instalação de “colaboradores e colaboradoras leigos” deverá acontecer em culto da comunidade. Ele considerará formulários litúrgicos da IECLB, dos quais fazem parte: definição e caracterização do serviço para tempo e local definidos; palavra de envio; oração com imposição de mãos; certificado do ato de instalação.

Assim como os/as obreiros/as dos ministérios específicos, também os/as colaboradores/as leigos/as precisam de formação contínua e de acompanhamento por parte da liderança da comunidade e da valorização por parte de toda a Igreja.

Tais colaboradores leigos participam efetivamente – de forma definida, embora limitada – de um dos quatro ministérios específicos reconhecidos na IECLB, sem, no entanto, substituí-lo. Dessa maneira, o *Ministério Compartilhado* não mais se restringe aos quatro ministérios específicos, mas engloba os/as colaboradores/as leigos/as, atribuindo-lhes igual dignidade teológica e espiritual, mas funções e responsabilidades distintas.

3.6 – Essa visão de *Ministério Compartilhado* se evidencia por razões teológicas e eclesiológicas. Mesmo assim, comunidades e obreiros/as ainda parecem ter dificuldades em assimilar e abraçar a idéia. Talvez a situação econômica, que está afetando as igrejas em todo o mundo, nos leve a perceber melhor que o tradicional modelo de ministério e comunidade é bastante questionável. Além disso, torna-se sempre mais difícil sustentá-lo financeiramente.

3.7 – Resumindo, podemos dizer que o *Ministério Compartilhado* parte da comunidade e para ela está voltado. Ele existe para que se torne instrumento da missão de Deus no mundo aqui e agora, a fim de que ela se torne “*cidade edificada sobre um monte*” (Mt 5.14), para que as pessoas “*vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus*” (Mt 5.16).

Ligar fé e vida é a antiga receita bíblica em At 2.44,47: “*e tinham tudo em comum*”. E Deus deu o crescimento. Compartilhar a vida toda e relacioná-la com a fé é o mistério da comunhão cristã. Disso as pessoas solitárias, isoladas, excluídas e esquecidas terão saudades. Elas sentirão um prazer convidativo e irresistível em fazer parte de tal comunidade. Essa é a **missão pela vivência**, o jeito mais antigo e bíblico de expansão

missionária. Por isso todos os ministérios visam edificar comunidade missionária. Nesse processo vários elementos devem ser considerados. Isso me faz lembrar o que um presidente, preocupado com a presença missionária de sua comunidade, me contou: *“Sabe, pastor, pelo meu entender, ir para uma reunião de comunidade tem que ser tão atraente como ir com a esposa para um jantar em restaurante. Consideram-se tanto aspectos externos e formais quanto aspectos de conteúdo e qualidade, por exemplo: a localização com estacionamento, a vista de paisagem, o estilo arquitetônico externo e interno, a recepção, a distribuição dos móveis, a iluminação, o atendimento atencioso e discreto. A essas coisas externas e formais se acrescenta a refeição saborosa e gostosa que é servida com atenção, amor e carinho. Veja, essa experiência me anima a retornar em outra oportunidade a esse restaurante e também recomendá-lo a outras pessoas amigas. Esse jeito de expansão, naturalmente, requer um processo contínuo de planejamento, avaliação e redimensionamento do serviço.”* Agradei ao presidente pela aula de estratégia missionária. Pois de maneira semelhante a vida comunitária pode e deve ser estruturada, planejada, avaliada e redimensionada, tanto em relação aos elementos externos e formais quanto em relação aos elementos de conteúdo.

Pelo poder do Espírito Santo a comunidade missionária está sendo libertada a sair de casa, a ultrapassar quaisquer fronteiras e barreiras, como o livro de Atos muito bem ilustra. Nesse sentido surgiram, na IECLB, exemplos animadores, seja em trabalhos locais com crianças de rua ou mães solteiras, seja com comunidade japonesa em São Paulo, seja pelo envio de obreiras e obreiros

para o exterior, como p. ex. países da América Latina, do Caribe, EEUU, Alemanha, Moçambique. Alegro-me em ver como comunidades respondem, com disposição de ofertar, para financiar um desafio concreto, como a aquisição de um automóvel para o serviço de nossa diaconisa em Moçambique.

Esses são alguns pequenos sinais que atestam a nossa tentativa de ultrapassar fronteiras. Mas justamente nesse sentido temos grandes desafios à nossa frente, mesmo em nosso próprio país. Penso, p. ex., em pequenas comunidades e projetos na área do Norte e Nordeste brasileiros que, em grande parte, são financiados com recursos do exterior. O que será deles se amanhã tais recursos diminuir ou mesmo faltarem? Será que comunidades e sínodos do Sul vão sensibilizar-se e tornar-se solidários e repartir com as irmãs e os irmãos distantes? Como motivar as comunidades e os sínodos do Sul para ensaiarem parcerias e apadrinhamentos bem concretos? O que fazer para que a presença e a ação missionárias das comunidades aumentem e se intensifiquem? Como aprender com experiências já feitas?

Tais desafios deverão nortear o Fórum sobre Missão, a ser realizado no ano 2000, com vistas a um plano de ação para o próximo decênio, a ser elaborado num processo participativo, envolvendo sínodos, instituições e parceiros da ecumene. Será preciso objetivar a criação, o desenvolvimento e o crescimento de comunidade missionária, **tanto pela vivência quanto pelo ultrapassar de fronteiras**. Há pessoas que defendem a tese de que devemos investir primeiramente na missão interna e edificar e arrumar a própria casa para somente então investir na missão lá fora. Mas quem pretende proceder assim, nunca vai fi-

car pronto com os desafios internos. Conseqüentemente, nunca investirá na missão para além das próprias fronteiras. Em verdade sempre tem sido assim que ambos os tipos de missão se complementam e se frutificam mutuamente.

Diante dessa visão de comunidade missionária convém perguntar: essa co-

munidade é factível pelo nosso *know how*, por esforço estratégico e saber metodológico? Será que o crescimento não depende somente da ação do Espírito Santo, pelo qual, humildemente, precisamos orar?

4 – *Ora et labora!*

Assim já diziam os beneditinos. E, se não me falha a memória, foi Lutero que dizia: “*Ore como se tudo dependesse de Deus, mas labute como se tudo dependesse de você!*” Assim se expressa a dialética entre o agir de Deus e o agir das pessoas. Não que Deus precisasse de nossa cooperação (isso seria “sinergismo”). Contudo, temos a humilde consciência de que as coisas mais essenciais da vida, como amor, esperança, fé, confiança, etc. não são factíveis e muito menos são compráveis. Elas são presentes que nos vêm de fora, de lá do alto. Só podemos recebê-los com mãos e corações vazios e abertos. Muita coisa, no entanto, podemos e devemos fazer para não atrapalhar e, sobretudo, para oportunizar a manifestação desse mistério. Assim também acontece com o surgimento e o crescimento de comunidade missionária.

Obreiras e obreiros, juntamente com os líderes da comunidade, podem listar, p. ex., todas as manifestações de vida comunitária. Podem avaliá-las em termos de número e qualidade. A atividade que lhes parece a menos desenvolvida e a mais fraca talvez requeira prioridade para ser redimensionada em termos de estrutura, conteúdo e qualidade. Após tempo pré-

determinado, será avaliada novamente. Investindo na qualidade das manifestações e atividades da vida comunitária, o gosto pela causa aumentará.

Com gratidão e esperança já percebeu que em algumas comunidades, onde se trabalha nesse sentido, brotam alegria, envolvimento e participação. Ali certamente os números não regredem nem estagnam, mas crescem ao natural, em conseqüência do aumento da qualidade. São coisas explicáveis das quais Deus se utiliza para promover o seu mistério de crescimento. Ele, portanto, é o autor desse saber e acontecer; nós somos apenas instrumentos em suas mãos criadoras.

Este é o mistério da espiritualidade luterana: move-se entre uma postura passiva/receptora e uma postura ativa/participativa. Do bom equilíbrio entre ambas necessitamos para que, no novo milênio, aconteça comunidade mais aberta, mais cativante e contagiante, mais participativa, enfim comunidade mais missionária.

Huberto Kirchheim
Rua Carlos von Koseritz, 1429
Higienópolis
90540-031 – Porto Alegre – RS